

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA: REVELAÇÕES DE PROFESSORES E A OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA.

Janaína Ferreira, *aluna da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.* lucygomys@gmail.com

Edilma Mendes Rodrigues Gonçalves, *professora da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.*

dilmendes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Falar sobre dificuldade de aprendizagem vivenciada pela professora em sala de aula é muito importante para compreendermos como o aluno aprende; porque está com dificuldade em aprender; o que precisa para facilitar a sua aprendizagem; bem como os fatores que colaboram direta e indiretamente e quais as possíveis causas do não aprender, em especial, na cidade de Timon-MA.

Dentre as demasiadas leituras de distintos autores que tivemos a oportunidade de consultar, como Charlot (2006), Golfeto (1992), Jáen;Pérez (2006); Lakatos; Marconi (2009); Libâneo (1998); observamos que tanto como a dificuldade de aprendizagem e o TDAH colaboram, de uma maneira positiva, para que o fracasso escolar, o desleixo educacional aconteça ocasionado pela falta de estímulo da criança; apresentando um baixo rendimento acadêmico, devido à falta de incentivo, principalmente, se não houver um amplo preparo pedagógico como formação continuada do professor, para que possa atender as necessidades de alunos como o observado em questão.

O intuito deste trabalho foi o de investigar, por meio da observação e entrevista, o problema de aprendizagem enfrentado pela criança na rede regular de ensino e até onde isso compromete o aprendizado; abordar sobre o tema, para nós é importante para compreendermos da melhor como ocorre o aprender deste aluno.

A participação da família na resolução deste problema é fundamental para juntos se reiterarem da situação e buscar ajuda de um médico especialista, caso haja necessidade de encaminhamento, recorrendo a laudo. Conhecer a vivência do aluno em sala de aula; como se relaciona com os colegas; com os professores; como é o seu brincar; na hora do recreio, diz muito sobre a sua participação social; estrutura familiar é essencial para saber como se deu o seu déficit de atenção (hiperatividade) de como é o contexto econômico que o aluno está inserido.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como sendo uma pesquisa bibliográfica e de campos, por meio de técnica de observação e entrevistas considera-se a técnica da observação “[...] um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência para a obtenção de seus propósitos, com base na coleta de dados” (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 111). De acordo com Prestes (2003) na pesquisa bibliográfica é de fundamental importância para o acadêmico em sua graduação, quanto para os pesquisadores na elucidação de trabalhos inéditos que pretendem-se ver, reavaliar e criticar condições teóricas ou pragmáticas.

Em contrapartida, Lakatos & Marconi (2009, p. 111) falam que a técnica de observação divide-se em dois eixos: direto extensiva e direto intensiva, na qual foi utilizada a entrevista na obtenção de determinados aspectos da realidade, por meio de uma conversa metódica semiestruturada de duração, aproximada, de 20 (vinte) minutos, realizada na sala de aula, local escolhido pela entrevistada. Esse recurso metodológico foi adotado por se entender que numa entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, o grau descontração para obter informações de caráter profissional e pessoal saía mais apropriado; além de possibilitar que o entrevistado colocasse suas impressões particulares sobre os fatos indagados.

Este trabalho, através do olhar metodológico, procurou investigar como acontece o processo de aprendizagem da criança com TDAH em sala de aula da rede pública de ensino, numa pré-escola na cidade de Timon-MA, localizada no bairro Parque Alvorada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em junho de 2017, na cidade de Timon, fomos à campo, em visita à Pré-Escolar Sete Estrelas, a observação circundou em analisar o comportamento, o desenvolvimento intelectual, a forma de aprendizagem de uma criança; chamada João¹, que tem uma certa dificuldade de aprendizagem. A sala de aula possui 22 alunos, sendo crianças do 1º Ano, com idades de 06 a 07 anos. Foi observado que na classe João não estava realizando a atividade proposta no quadro de acrílico; estando deitado no chão, arrastando a mochila, gritando e conversando com os colegas de classe; chamando a atenção da turma para si.

A atividade que estava exposta no quadro exigia que as crianças copiassem uma fábula curta, respondesse três questões interpretativas sobre o texto. As questões não eram contextualizadas, sem respaldar no conhecimento prévio dos alunos; os discentes, considerados normais, mal se quer entendiam as letras da professora, perguntando à todo instante “tia, que letra é essa?”; o despreparo emocional da responsável pela sala de aula era visto à cada grito que soltava quando os colegas de turma e João não seguiam à disciplina.

Enquanto à criança observada se descontrolava, a docente auxiliava os outros, em nenhum momento a mesma teve a preocupação de ir até o garoto; colocá-lo para sentar; pedir que pegasse o seu caderno e anotasse o conteúdo da aula; ao mesmo, conversar, saber qual a dificuldade sentida ao entender à escrita. Num

¹ O nome utilizado, aqui, é fictício.

determinado momento, fui conversar com o aluno dito anormal, indagando sobre o porquê que ele estava no chão, sem fazer a atividade, ele afirmava que não conseguia entender as letras, revelando não gostar da professora, chamando-a de má, chata.

Dessa forma, pedi que ele levantasse, tirasse o material da mochila e tentasse copiar o texto, assim ele fez, ou seja, o diálogo, o entendimento da dificuldade do aluno resolve tais problemas. Enquanto o educando anotava a atividade, a professora Claudia² cedeu um pouco de seu tempo para responder algumas perguntas, para melhor análise e discussão de sua prática pedagógica.

Foram feitas as perguntas, tais como: qual a sua formação acadêmica; há quanto tempo leciona; qual o seu conhecimento sobre TDAH; a escola utiliza métodos para desenvolver a aprendizagem do aluno. As respostas são surpreendentes, entre as quais, destacam-se: a professora tem apenas à formação inicial em pedagogia, sendo formada pelo magistério, defendendo o seu TCC com base na educação do autista em sala de aula; um tempo de experiência em sala de aula considerável, oito anos; ressaltando que não tem preparação para lidar com esse aluno porque nunca procurou saber sobre o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), chegando a taxar o aluno de louco; em relação aos métodos de ensino aprendizagem, cita o Programa Mais Educação, que se trata de um reforço escolar, não sendo um Atendimento Educacional Especializado (AEE), sem recurso específicos para o déficit do aluno.

A família do garoto tem ciência e laudo da dificuldade de aprendizagem do mesmo e não procura um médico especialista pra mediação, o que dificulta e contribui para o agravamento da aprendizagem dos alunos especiais, em grande, é a falta de estrutura das escolas; à ignorância de professores e pais no tema e a resistência dos familiares, que pensam que a criança tem alguma doença, é louca; nesse quesito, à Educação Especial tem ganhado destaque e mudando inúmeras formas de pensar.

Com base na entrevista com a professora e observações na estrutura da escola, é notório o descompromisso da rede escolar, dos seus agentes e da professora, que está diariamente com aquele aluno, é evidente que o aluno com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) não tem que ser tratado de forma distinta dos outros como maneira de exclusão, mas deve receber a inclusão, adaptação de práticas de ensino diferenciadas que vão abranger as suas particularidades cognitivas; a falta de recursos pedagógicos, pessoal, de tecnologias assistidas para tal criança compromete e muito as suas noções de aprendizagens.

Sendo assim, grande parte dos professores que não são especializados na temática da Educação Especial se sentem incapazes de lidar com as diferenças nas salas de aula, inclusive em atender alunos com NEE, aqui, fica claro que os professores da sala de inclusão não estão habilitados previamente para trabalharem com os demais tipos de deficiências, sendo amedrontados pelos demais professores com formação continuada na determinante especialidade que o aluno necessita, tendo de receber um apoio da gestão escolar, para que possa garantir a inclusão de cada aluno deficiente que receber em sua sala de aula.

² Em ressalva, o nome, aqui utilizado, é fictício.

São muitos os casos de alunos com deficiência educacional que mesmo em escolas regulares, não conseguem desenvolver suas potencialidades num ambiente favorável a sua formação. Essa é uma questão não só estrutural, como também do setor de quadros docentes que não tem oferecido uma ampla formação prática com disciplinas específicas e carga horária satisfatória, em geral, fazendo uma comparação, os professores universitários possuem pouca ou nenhuma experiência nessa modalidade educacional.

É importante afirmar que cresce cada vez mais a demanda de professores e de outros profissionais especializados para a educação básica em sala de aula regular e, contrariamente, o Brasil não conta com quadros docentes bem-preparados e suficientes. A formação continuada em processo tem se configurado como uma possibilidade de pensar as demandas escolares e processos de escolarização dos indivíduos que também são público-alvo da educação especial. Se a professora entrevistada nessa pesquisa tivesse uma formação continuada, uma pós graduação em Educação Especial e áreas a fins, quem sabe haveria uma didática direcionada para a criança mencionada.

Conciliar, portanto, os saberes docentes com a prática de ensino com esse fim único, é que poderá fazer a diferença; para isso, é necessário que o professor: conheça, reconheça, planeje, engaje, acompanhe e avalie o seu aluno. Conhecer o educando implica em saber quem ele é, de onde vem, como chegou até o espaço escolar, o que espera do ano letivo, quais as expectativas que tem por parte do ensino e da sua aprendizagem; é importante manter um vínculo próximo com os discentes.

Reconhecer diz respeito às características internas e externas dos alunos, condições de aprendizagem no seu seio familiar, de instrução; conquistas e realizações; todos são capazes de aprender, com talentos e desafios diversificados. Os educadores precisam ser flexíveis com aqueles alunos que não poderão levar a tarefa de casa prepara para a classe, se falta um lápis, procura saber, comunicar aos pais que o discente não está levando; entender o porquê.

Engajar é envolver os alunos mais intimamente nas metodologias de ensino, dando espaços para se manifestarem quanto às dificuldades de realizar uma expressão numérica, por exemplo; escutá-los no que tange à não fixação do conteúdo programado; pedindo ajuda para elaborar uma aula, perguntando o que poderia ser feito para que compreendessem o tema da aula; sendo um trabalho de coautoria, corresponsabilidade, estabelecendo uma relação harmônica, humana e confiável entre docentes e discentes.

Acompanhar os alunos, de forma que possa haver a interação com eles, com as famílias e sociedade; observar de forma atenta é válido para que a aula tenha dinamização, desaparecendo gradualmente a aula expositiva; fazendo uso da interdisciplinaridade angariada na formação inicial e continuada. A avaliação será o resultado, a somatória geral das metodologias e mecanismos que os docentes utilizaram para a viabilização

da aprendizagem de seus alunos, caindo por terra que os educandos com necessidades de educação especiais não aprendem.

CONCLUSÕES

O TDAH é uma condição diferenciada no neuro-desenvolvimento, caracterizado por problemas de atenção, atividade excessiva, dificuldade em controlar o comportamento que não é apropriado para a idade de uma pessoa; em crianças, os problemas de falta de atenção podem resultar num baixo rendimento escolar, como abordado até aqui. Na infância, entre os seis e dez anos, o transtorno, em geral, se associa nas dificuldades escolares, no relacionamento com os demais colegas.

Alunos com esse transtorno não conseguem engajar-se nos vários projetos pedagógicos, são tidos como “avoados” que vivem no mundo da lua; muitas crianças tem um comportamento desafiante e positivo associado, podendo ser vistas como pessoas que tem distúrbio biopsicossocial ou possuem fortes fatores genéticos, biológicos e sociais; contribuindo para a implementação das dificuldades.

Deve-se analisar que o diagnóstico, o laudo médico são peças chaves na identificação do problema, por isso é recomendável à ida ao neurologista, psicopedagogo, psicólogo; não basta apenas observar a existência das características (desatenção, hiperatividade e impulsividade) na criança e adolescentes para que se configure como indivíduo com TDAH. Esses transtornos, assim como as patologias clínicas, sempre existiram, não eram mencionados como as nomenclaturas atuais.

Por meio das reflexões dos professores e observações feitas em sala de aula podemos perceber que o processo de aprendizagem do aluno com TDAH não acontece como deveria ser; existe uma grande deficiência em saber quais as metodologias eficazes poderão ser facilitadoras no seu ensino. Verificou-se que o comportamento escolar, o apoio da família, o uso de mecanismos educacionais adequados e o interesse de professores para envolver à criança nas atividades no âmbito escolar, aliado ao auxílio da escola, se houvessem, seria de suma eficácia para amenizar o déficit de atenção que boa parte das crianças da rede regular de ensino enfrentam, ou seja, está realidade pode ser revertida, se somada às ações e pessoas comprometidas com os discentes e suas dificuldades escolares. É necessário saber como funciona o processo de aprendizagem dos discentes.

Este trabalho teve o objetivo investigar como o ensino, o trabalho docente vai contribuir de maneira positiva ou negativa para o aluno com TDAH no aprender. Procuramos investigar se o professor está ativo ao que ocorre em sala de aula, no que diz respeito à percepção de seus alunos e de como eles estão reagindo a esse ensinar. Foram as seguintes conclusões que obtivemos na nossa pesquisa: a professora entrevistada ressalta que os pais da criança com dificuldade de aprendizagem sabem do transtorno que o filho sofre, porém,

não tomam nenhuma atitude, sendo assim, é importante agir, o quanto antes, melhor; para amenizar e evitar possíveis complicações na fase adulta dessa criança; em consequência, falta investimento, formação continuada, estudos à cerca do tema da docente, também inexistindo metodologias que, como dito antes, deveriam ser propostas nas atividades e em seu fazer pedagógico.

Esperamos, a partir dos nossos resultados, discussões e conclusões da pesquisa, mesmo sendo limitada quanto a sua abrangência, no que tange à quantidade de pessoas entrevistadas e observadas, possa fazer a diferença no como ensinar docente e aprender discente.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Fala mestre**. In: NOVA ESCOLA, nº 196, p.15-18, outubro, 2006.

GOLFETO, J. H. **A criança com déficit de atenção, aspectos clínicos, terapêuticos e evolutivos**. Campinas, 1993. Documentação não publicada elaborado na Unicamp (Universidade de Campinas).

JÁEN, A.F., PÉREZ B.C. **Transtorno por déficit de aprendizagem Y/O hiperactividade (TDAH): abordagem multidisciplinar**. Disponível em: <http://anshda.org/tdah2004.pdf>. Dowloand em 17/06/2017.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos** -7.ed. - 3. Reimpressão- São Paulo: Arias, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.